

**Anais das Bibliotecas,
Arquivo e Museus Municipais**

Revista Trimestral

LISBOA

—
1934

Director

**O Inspector das Bibliotecas, Arquivo
e Museus Municipais — Joaquim Leitão**

N.º 11

**Janeiro
a Março**

COLABORADORES

A. VIEIRA DA SILVA, AFONSO DE DORNELAS,
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,
ANTONIO BAIÃO, ARTUR DA MOTA ALVES, COSTA VEIGA,
FIDELINO DE FIGUEIREDO,
HENRIQUE CAMPOS FERREIRA LIMA,
JOÃO DA SILVA CORREIA, JUAN TENA FERNANDEZ,
JÚLIO DANTAS, LARANJO COELHO,
LUÍS DE FREITAS BRANCO, LUÍS DA CUNHA GONÇALVES,
LUÍS DE MACEDO, Prof. MOSÉS BENSABAT AMZALAK,
QUIRINO DA FONSECA,
JOAQUIM LEITÃO, ETC., ETC.

Anais das Bibliotecas,
Arquivo
e Museus Municipais

Anais das Bibliotecas,
Arquivo e Museus Municipais

Oferta
-O. NOV. 1998

Inspeção das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais de Lisboa

Anais das Bibliotecas Arquivo e Museus Municipais

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

ANO IV—N.º 11—1934

Dirigida por Joaquim Leitão

Inspector das Bibliotecas,
Arquivo e Museus Municipais de Lisboa



Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

ANO IV

LISBOA — JANEIRO A MARÇO DE 1934

N.º 11

Directrizes

Nascidos para modesto registo do movimento dos serviços e instrumento de permuta, os *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* propuzeram-se, desde a proposta que lhes deu origem, publicar pre-história e história olisiponense.

No seu programa havia também propósito de abranger outras matérias.

Reconhecido, porém, que todas as páginas dêste arquivo são poucas para registar curiosos documentos inéditos, esquecidos ou raros, de interesse olisiponense, a êste as-

pecto se consagrarão designadamente.

Reduzir-se-á ao indispensável a secção estatística, e atenção e espaço serão dedicados ao documento anciano e contemporâneo.

Assim todos os números, como o presente, trarão um trabalho actual e uma exumação do passado de que iremos fazendo *separatas* de modo a formar uma nova colecção olisiponense.

Eis as definitivas directrizes dos *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* de Lisboa.

Os cronistas de Lisboa

Muitos são os que se tem occupado de Lisboa a começar no velho Fernão Lopes que lhe chamava «terra de muitas e desvairadas gentes», até aos nossos, de hoje, Gustavo de Matos Sequeira e Augusto Vieira da Silva. Tratou-a Garcia de Rezende quando descreve os passeios de D. João II na Rua Nova, ou nas trovas da sua *Miscelânea*; tratou-a Damião de Goes quando em classico latim a panegyrisa; tratou-a o nosso popular Gil Vicente nas lamentações da sua *Maria Parda*, que se pranteava porque «vio as Ruas de Lisboa com tam poucos ramos nas Tavernas, & o vinho caro»; tratou-a D. Francisco Manuel de Melo quando com carinho nos fala do Rossio; trataram-na muitos, uns como Alexandre Herculano que a immortalizou na sua frase: «cidade de mármore e de granito», outros, como António Nobre, que numa poesia quasi desconhecida lhe chama:

- ... Lisboa das meigas Procissões!
- ... Lisboa das Irmãs e de fadistas
- ... Lisboa dos lyricos pregões...
-
- ... Lisboa das Naas, cheia de gloria,
- ... Lisboa das Chronicas, ...

-
- ... Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
-
- Cidade de morenos marinheiros,
-
- ... Lisboa de ruas mysteriosas!
- Da *Triste-Feia*, de *João de Deus*,
- Becco da India*, *Rua das Formosas*,
- Becco do Falla-Só* (os versos meus...)
- E outra rua que eu sei de duas *Rozas*,
- Becco do Imaginario*, dos *Judeus*,
- Travessa* (julgo eu) das *Izabeis*,
- E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.
-
- Luar de Lisboa! nonde o ha egual no mando?
-
- Romantica Lisboa de Garrett!
-
- Lisboa vermelha das toiradas!
-
- Lisboa das varinas e marquezas...

E quantos outros! Camilo, Júlio César Machado, Rebelo da Silva e tantos. Uns, são os seus cantores, os seus panegyristas, outros, são os seus cronistas, os seus historiadores. Estes podem dividir-se em clássicos ou antigos e em modernos ou do nosso tempo. Avultam entre os primeiros, Cristóvão Rodrigues de Oliveira e João Brandão, Damião de Goes, Luís Mendes de Vasconcelos, Fr. Nicolau de Oliveira, Luís

Marinho de Azevedo e António Coelho Gasco.

Entre os segundos contam-se, Luís Gonzaga Pereira, Júlio de Castilho, Gomes de Brito, Eduardo Freire de Oliveira, Pinto de Carvalho, Pereira de Sousa e Augusto Vieira da Silva. Vamos passar em revista o que poderemos chamar os cronistas de Lisboa.

Dois são os cronistas que se podem chamar primeiros. Cristóvão Rodrigues de Oliveira, autor da obra *Sommario e que brevemente se contem algũas cousas (affi ecclesiasticas como seculares), que ha na Cidade de Lisboa. Com Priuilegio Real*, que se imprimiu em casa de Germão Galharde, dizendo-se em 1551. Os Srs. Gomes de Brito e Vieira da Silva são de opinião que a data da impressão é de meados de 1553, 1554. Prova, a gravura do frontespício já truncada, o que só o poderia ser nessa data, a não contarmos com uma possibilidade desconhecida. A segunda edição é de 1755

e tão rara, quasi, como a quinhentista, pois ardendo na oficina de Miguel Rodrigues, onde foi impressa, ou na do livreiro Manuel da Conceição, ao Loreto, no terremoto, só escaparam os exemplares distribuidos, vendidos ou fóra da oficina. Cristóvão Rodrigues de Oliveira

era guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcelos e Menezes, capelão-mór de D. João III, ele o declara no rosto do seu livro. E mais, que fóra o dito D. Fernando quem, vendo «o grande crecimento da dita cidade, e cousas della é cada hum anno affi no spiritual como no temporal» lhe mandou escrever o dito *Sommario*. Este, que parece ter sido impresso

como dissémos, em 1554, divide-se em Freguesias com suas Igrejas, Capelas, pessoal, rendimentos, ruas, travessas e bécos; em Igrejas que não são paróquias, Hospitais, Colégios, Mosteiros de frades e freiras, (dentro e fóra da cidade), o que se contém de Secular e gente dos officios, existentes na cidade. Termina



SUMARIO de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, o primeiro livro de estatística publicado em Portugal

com: *E porque o principal intento de se mandar imprimir este Sumario, foy pera que vendose noutras terras se foubesse das muitas, e grandes esnuolas, e outras obras pias, que se nesta Cidade fazem, e como he celebrado nella o culto divino em tantos, e tão sumptuosos Templos, e caças de Oração, como tâbem se faber da grandeza, e povo de outras muitas Cidades do Mundo, a errada opinião que se dellas tem, vendo a certeza desta. Pareceo que não seria defneceffario (como digo) para os estrangeiros, porse aqui o fitio, e descrição della.*

Pela enumeração do nome das ruas e travessas se vê que muitos nomes se conservam ainda hoje, se bem que nem sempre a sua localização seja a primitiva. Ainda hoje ha a *Rua do Barão* que era em 1551 *Rua do Barão Velho*, a *Rua das Canastras* que antes da feitura do *Summario* se chamava *do lagar do mel*, *Rua do Terreiro do Trigo*, *Rua da Porta do Mar*, que se transformou em *Escadinhas da Porta do Mar*, *Rua Afonso de Albuquerque*, uma minuscula rua que antigamente (em 1551) se chamava *Rua dos Arcos*, a *Travessa do Forno* que hoje deixou o nome ao *Bêco do Forno da Galé*, isto tudo na Freguesia da Sé. Na freguezia de Santa Justa ainda hoje topâmos as ruas de ontem: *Sam Lourenço*, que chamam as *Fontainhas*, *Sam Pedro Martir*, *Rua do Pôço do Borratem*, *Rua das Fontainhas*, *Bêco do Monete* que

é a evocação das velhissima, *Rua do Monturo do Bonete* e *Rua da Calçada do Monturo do Bonete*, *Rua da Betesga*, *Rua da Nunciada*, *Rua das Olarias* que é a junção da *Rua das Olarias de baixo* e da *Rua das Olarias de cima*, *Rua do Capelão*, *Rua da Amendoeira* e *Rua de João do Outeiro*. O *Bêco da Barbalela* transformou-se em *Bêco da Barbadeira*. Martim Vaz que tinha um bêco passou a ter uma rua, Ficou o *Bêco da Atafona*, velho na toponímia ulissiponense como a Sé de Braga no sinónimo de velhice lusitana. Na Freguesia de S. Nicolau encontrâmos a *Rua de João de Deus* que toda a gente à primeira vista desconhecendo-lhe a antiguidade, julga ser o lírico do *Campo de flores*. Não. É um João de Deus ignorado e quinhentista, porque a do lírico é à Estrela e modernamente crismada. Um livro a fazer seria mesmo o da história das ruas, e o de como a cidade tem homenageado as suas pessoas gradas. Então saberíamos quem era o barão velho que deu nome á *Rua do Barão*, quem, era o Lião que teve uma travessa à Sé, a Dona Helena que teve um arco, o Francisco Dias, o Antonio Lopes Bulhã, o Bertolameu Joanes, o Pedro dabreu, o Gomes daragão, o Domingos Lopes, o Symão de faria, que nela tiveram bêcos; o Pato, o Lopo Infante, o Mestre gonçalo, o Dr. Carreiro, a Crespa, o frei Bertolameu do Valle, o João do Ou-

teiro que tiveram ruas; o Gaspar Trigo, Dom Aleixo, o Pimentel, João Fernandes, Inez Afonso, que tiveram travessas; Duarte Casco, João Vaz de Lemos, João de Avelar, a Parteira, Ana Gonçalves, Martim Vaz, a Teixeira, Thomé Correia, o Organista, que tiveram bécos na Freguesia de Santa Justa; mestre Gonçalo, João do Barreiro, João de Deus, o Capitão de ginetes, Jerónimo Dias, André Soares, João Fialho, João Brandão que foi possivelmente o autor da *Estatística* de 1552, Dom Rolim, Balthazar Piz de Val verde, Dom Afonso, Braz Afonso, Leonel Friz, Palos Antão, o Cabral, João de Sousa, Cheles Correa, Caterina Jorge, o Cardim, Martim Alonso e João Alves Fafes que tinham Ruas, travessas e bécos na Freguesia de S. Nicolau; Gaspar de Venada, que tinha uma rua na freguezia de Sam Giam; João da Silva, Martim Alho, Branca leda, Sancho de Toar, Lopo Mendes, Gonçalo Friz que deve ser da familia do Leonel Friz da Freguesia de S. Nicolau, o João das armas, Dona Tareja, na Freguesia da Madanela; Abreu, Ines Alvares, Manuel Homem, João de Paiva, João de Lila, Manuel Corte Real, Nicolau Vaz, Cotrim, Breatriz Soares, Figueiredo, Lobato, Pero Roiz, da Freguesia de Nossa Senhora dos Mártires; Rolam Correa, o Veloso, na Freguesia de N.^a Sr.^a do Lorêto; Diogo da Silva, João Fogaça, Dom Antonio, Fernão Piz, o Machado, o Mey-

reles, da Freguesia de S. João da Praça; João de Ribas na de S. Pedro; Diogo Soares, na de S. Miguel; João d'Avelar, Martim de Castro, o Souza, na de Santo Estevão; Pero Esteves, os Vargas, Catherina Gil, Condessa de Penella, Simão Cosmo, na de S. Vicente de Fóra; João do Basto, Frei Luiz, na de Santa Marinha; D. Liam e o nosso conhecido Dr. Pero Nunes que tinha uma travessa, na do Salvador; João de Extremoz, Fernão de Castro na de S. Thomé; Simão da Silveira na de S. Jorge; o Moniz, Lourenço de Moura e Gaspar de Lião, na de Santa Cruz; D. Bernaldo na de S. Mamede; Valentim Soares, João das Chaves, João Correia, o Oliveira na de S. Cristóvão. Como se vê, a lista é longa e como dissémos, mereceria de um investigador alguns artigos ou mesmo um livro à semelhança daquele em que Pierre Zacone colaborou ha bem quási um século para as *Ruas de Pariç*, ou como o que D. Hilario Penásco de la Poente e D. Carlos Cambronero fizeram em 1889 sobre *Las calles de Madrid*.

Quem estas linhas escreve tem num dos seus livros, publicado em 1919 (*Jornal de um rebelde*) um artigo sobre as velhas ruas de Lisboa. E nele indica quem era o Martim Vaz que parece ter sido guitarrero, o Joham do Outeiro «honrado criado feitor», Isabel Fernandes Barbaleda, mulher de João do Rego Barbaleda que ainda tem

hoje o seu bêco transmutado apenas por corrupção em Barbadela. Outros muitos sem dificuldades de maior se poderão identificar escrevendo-se ou compilando-se interessantes estudos de que já ha precedentes no opúsculo de J. J. de Ascensão Valdez, separata do *Arqueólogo Português, Memória topográfica da antiga Lisboa. As Ruas de João do Outeiro e de D. Gil Eannes*, (1908), nos *Remolares* de Gomes de Brito e nos estudos de Vieira da Silva.

A *Triste feia*, rua romântica e moderna não foi historiada por Alberto Pimentel?

Mas voltando ás velhas ruas quinhentistas, ainda hoje na toponímia de Lisboa se encontram a *Rua da Oliveira* (ao Carmo), *Calçada do Carmo*, *Rua do Crucifixo*, *Rua (nova) dos Douradores*, *Travessa das Pedras Negras*, *Rua* (hoje *Travessa*) *da Trabuqueta*, *Rua da Mouraria*, *Rua da (Ourivezaria da) Prata*, *Rua de S. Mamede*, *Rua da Madanela* (hoje *Madalena*), *Rua da Padeiria*, *Rua da Salgadeira* (hoje *Salgadeiras*), *do Duque*, *do Ferregial*, *Posto da Bica do Belo* (hoje *Rua da Bica de Duarte Belo*), *Calçada de S. Francisco*, *ruas da Esperança*, *de S. Roque* (hoje *Rua do Mundo*), *das Flores*, *das Gáveas*, *dos Calafates* (hoje *do Diário de Noticias*), *da Atalaia*, *das Chagas*, *da Rosa*, *da Adiça*, *da Regueira*, *das Escolas Gerais*, *de Santo André*, *do Chão da Feira*, *do Chão de Loureiro etc.*

Lisboa apesar das suas mil mudanças tem um certo apêgo à tradição.

O *Summario* tem duas edições, estando a preparar-se a terceira em Coimbra, dirigida por A. Vieira da Silva e quem escreve estas linhas. A segunda é raríssima, especialmente com a Carta de Pedagache que occupa de pág. 177 a 199 (200), carta atribuida a D. Thomaz Caetano do Bem.

*

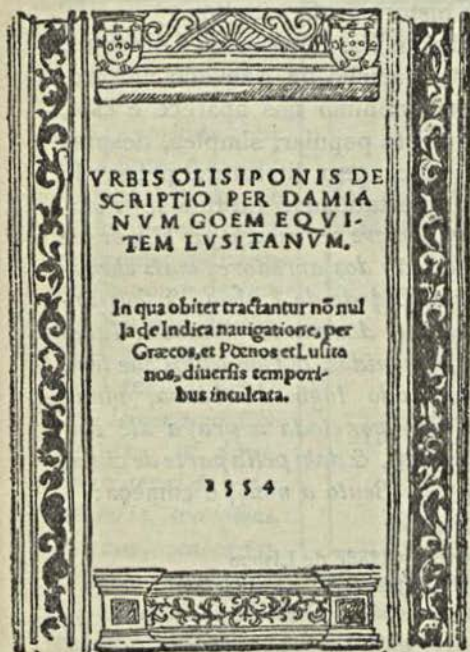
O segundo cronista de Lisboa, primeiro, se atendermos à ordem chronológica que lhe attribuem, é João Brandão, natural de Buarcos, escudeiro fidalgo da casa de El-Rei D. João III. Filho de Duarte Brandão herdou de seu pae «a dizima do carvão, lenha, arcos, tijollo e linho...» e até 1923 o manuscrito do seu livro, conhecido por *Estatística de 1552* conservou-se inédito na Biblioteca Nacional, sendo nêsse ano impresso sob a direcção de Anselmo Braamcamp Freire, com comentários e notas de Gomes de Brito, numa edição de pouquíssimos exemplares. João Brandão batalhou em Azamor, foi vereador da Câmara de Lisboa e faleceu em Dezembro de 1562 sendo sepultado na igreja do Convento do Carmo.

O seu livro foi publicado com o título de *Tratado da majestade, grandeza e abastança da cidade de Lisboa, na 2.^a metade do seculo xvi*. Insere também anotações de Ro-

drigo José de Lima Felner e além de ser visto por Fr. Nicolau de Oliveira, mereceu demoradas referências a José Ribeiro Guimarães no *Sumário de Vária História* (1872-75).

com o sabor literário que nenhum dos outros tem, méros contadores de rendas e enumerantes de ruas, ofícios e dados estatísticos.

É então que surge Francisco de Olanda^m (1571) com o seu *O Da fá-*



Trata dos rendimentos da população, ruas, etc., e completa bem o livro de Cristóvão Rodrigues de Oliveira.

Depois destes dois vem Damiano de Goes com o seu *Vrbis Olisiponis*. Foi pela primeira vez publicado em 1554, Évora, por André de Burgos, e seguidamente em Colónia 1602 e Coimbra 1791. É a descrição e o elogio de Lisboa, feito já

brica que falece a cidade de Lisboa um sonho monumental de grandeza que só teve continuador na grandiosa e americanizada visão fabulada por Fialho de Almeida na *Ilustração portuguesa*, muitos séculos depois. O livro de Holanda, filho do iluminador illustre que foi António de Olanda, nascido nesta Lisboa que seu filho tanto amou, conserva-se em manuscrito na Biblioteca

da Ajuda e foi pela primeira vez dado à estampa no Porto em 1879, e pela segunda em Madrid em 1929, pelo Dr. Vergílio Correia, que já nos dá o *Livro dos regimentos dos officiais* e os opúsculos da *Lisboa pre-histórica*. A primeira edição deve-se a Joaquim de Vasconcelos, a segunda ao trabalho preparatório de Alberto Cortês, falecido em 1918.

Publicada no *Archivo Español de Arte y Arqueologia*, tiraram-se cem exemplares de raríssima separata com texto e gravuras.

Na lista cronológica dos cronistas da cidade sucede-lhes Luís Mendes de Vasconcelos, Nicolau de Oliveira e Luís Marinho de Azevedo. Estes fecham a época dos clássicos na história literária citadina. Luís Mendes de Vasconcelos publicou em 1608 em Lisboa o seu livro *Do Sítio de Lisboa sua grandeza, Povoação e Commercio, etc.* Diálogos em que entram um Político, um Filósofo e um Soldado, que alguns identificaram em figuras da época. Padece do mau gosto erudito do tempo. Sairam outras edições em 1786 e 1808. Fr. Nicolau de Oliveira com o seu *Livro das grandezas de Lisboa* fez já obra digna de considerar, com várias notícias e elegância de frase. Saiu pela primeira vez à estampa em 1620 e depois em 1804.

Luís Marinho de Azevedo, capitão, deu a Lisboa todas as fábulas que encontrou. O seu livro *Primeira parte da fundação, antiguidades e*

grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, ou melhor, *Fundação, antiguidade e grandezas, etc.*, sahiu a primeira vez em 1652, depois duas vezes em 1753, depois ainda em 1804. Não fecha com chave de ouro positivamente o ciclo clássico da historiografia citadina.

Entre Fr. Nicolau de Oliveira e Luís Marinho de Azevedo um cronista anónimo nos aparece e este, chronista popular, simples, desprezencioso, sem literatura pensando na immortalidade. Intitula-se *Relaçam, em que se trata, e faz hũa breue defcrição dos arredores mais chegados á Cidade de Lisboa, & seus arrebaldes, das partes notauéis, Igrejas, Hermidas, & Conuentos que tem, começando logo da barra, vindo corredo por toda a praya até Enxobregas, & dahi pella parte de cima, até São Bento o nouo*, e começa:

A Cidade de Lisboa
cujas famofas grandefas,
excedem quaefquer do mão
no valor, & na opalencia.
Cajos nobres edifficeios
abatem aos da foberba
Babytonia, que de todas
loy maraouilha primeira.

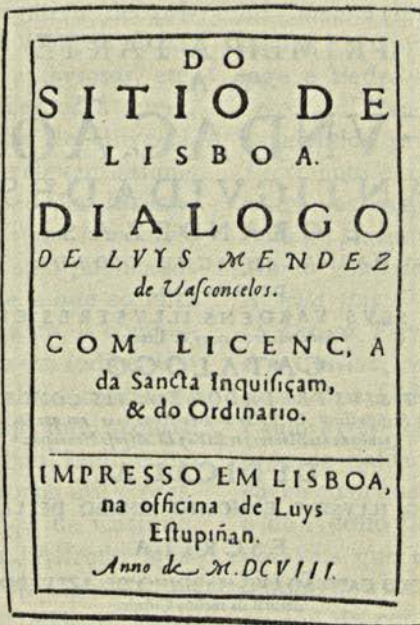
depois descreve Lisboa assim um pouco no sabor da *Miscelânea* de Garcia de Resende que também têm que se aproveite para a vida da Lisboa do seu tempo. Saiu este raríssimo opúsculo em Lisboa por António Álvares em 1625 e foi reeditado no *Boletim da Sociedade dos*

Archeologos onde se conserva quasi inteiramente desconhecido ¹.

Também se aponta Antonio Coelho Gasco como cronista de Lisboa. Por não estar impressa não se recenceam nem a obra nem o nome do famoso cronista de Coimbra.

*

O período que se segue é pouco notável. Não se pode incluir entre os cronistas de Lisboa o nome de Inácio Paulino de Moraes por este em 1804 ter publicado um *Itinerario Lisbonense, ou directorio geral de todas as ruas, travessas, beccos, calçadas, praças, etc.*, nem ao autor da *Collecção dos letrados celebres*, publicada em dois vols. por esse tempo. Também se não pôde dar esse nome ao médico Santos Cruz que em 1843 nos deu o seu *Ensaio sobre a Topografia medica de Lisboa*, nem a José Sergio Veloso de Andrade que escreveu sobre os *Chafarizes, bicas, fontes e poços* (1851). Não nos interessam os poemas e não contam para o nosso



caso as noticias desenvolvidas insertas em obras gerais como na *Estadistica* de Balbi *Essai Statistique*, (1822), na *Corografia portuguesa* do Padre Carvalho (1712) ou no *Mapa de Portugal* de João Baptista de Castro, (1763) como não contaremos mais tarde nem Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno* (1874) ou Guilherme Rodrigues e Estêves Pereira no seu dicionário *Portugal*.

Mais vale a pena incluir os nomes de P. P. da Camara com a sua *Descrição geral de Lisboa em 1839* e Luis Gonzaga Pereira com a sua *Descrição dos monumentos sacros*, publi-

cada ultimamente pelo erudito historiador cidadão Sr. A. Vieira da Silva.

E somos chegados à última metade do século XIX. Então sim. Uma pleiade brilhante de eruditos lançou o gosto pelos estudos lisboetas e então foi ver como se arava o terreno que em breve surpreendia pela fecundidade e exuberância.

Júlio de Castilho, Freire de Oliveira, Gomes de Brito, Pinto de Carvalho, Pereira de Sousa, Baldaque da Silva, Vieira da Silva, Al-

¹ Acompanha este pequeno artigo no presente número dos *Anais*.

fredo de Mesquita, Matos Sequeira, Roque Gameiro, Paulo Freire, Luís de Macedo, etc., são a pleiade famosa que veio substituir os Rodrigo Felner, Rebelo da Silva, o Nogueira (de S. José), o Ribeiro Guimarães

e com galhardia sem par. Se estes desbravaram o caminho, aqueles traçaram a estrada que hoje se perde em horizontes sem fim.

Rebelo da Silva descreve nos seus romances a velha Lisboa com um maravilhoso poder de evocação a que ninguém pode ser estranho, Rodrigo Felner mostrando a sua erudição ulissiponense nas anotações à *Estatística*, Nogueira fazendo artigos sobre mil velhos locais da velha Lisboa, José Ribeiro Guimarães debatendo casos, aclarando dúvidas no seu *Sumário de vária história*, livro magnífico que o tempo não conseguiu apequenal ou esquecer.

Da pleiade brilhante que se notabilizou nas investigações sobre a história de Lisboa o que primeiro acendeu o fogo sagrado, o mais no-

tável foi Júlio de Castilho com a sua *Lisboa antiga*, os treze volumes que se iniciaram em 1879, e com a sua *A Ribeira de Lisboa* publicada em 1898. Depois vem Gomes de Brito. Não pela quantidade de volu-

mes da sua obra mas pela qualidade, ela é das que marca. A sua *Notícia de livreiros e impressores em Lisboa, na segunda metade do século XVI*, Lisboa 1911, *Os Itinerários de Lisboa* que saíram primitivamente na *Revista de Educação e Ensino*, e *Os Remolares*, são estudos sólidamente alicerçados, que honram um consciencioso observador. Entre os grandes vem também Pinto de Car-

valho (Tinop) com a *Lisboa de outros tempos*, 1899, e *História do Fado*; Augusto Vieira da Silva com *O Castelo de S. Jorge*, 1898, *A Cerca Moura de Lisboa*, 1899, *As Murallas da Ribeira de Lisboa*, 1900, *A Judiaria Velha*, 1900, *A Judiaria Nova*, 1901, *A população de Lisboa*, 1919, *Os bairros de Lisboa*, 1930, *os locais onde funcionou em Lisboa a*

PRIMEIRA PARTE
D A
FVNDAC,ÃO,
ANTIGVIDADES
E GRANDEZAS
DA MVI INSIGNE CIDADE
DE LISBOA,
E SEVS VARENS ILLVSTRES EM
Sanctidade, Armas, & Letras
CATALOGO
DE SEVS PRELADOS, E MAIS COVSAS
*Ecclesiasticas, & Politicas anno 1512 em que foi
ganhada aos Mouros por El Rey D Afonso Henriquez*
DEDICADA
AO ILLVSTRE, E INCLITO SENADO DELLA
ESCRITA
PELO CAPITÃO LVIS MARINHO DE AZEVEDO.
natural da mesma Cidade.

EM LISBOA.

NA OFFICINA CRAFTSBECKIANA.
M DC LII

O frontispicio original tem 760^{mm} de alto e 1200^{mm} de largo

Universidade dos Estudos, 1919, a *Notícia histórica sobre o levantamento da planta topográfica de Lisboa*, 1914, maior entre os maiores; e Gustavo de Matos Sequeira com o seu *Depois do terremoto*, quatro volumes cheios de trabalho investigativo de primeira ordem, a sua *Relação de vários casos notáveis e curiosos*, etc. Cumpre não esquecer os a quem, como Eduardo Freire de Oliveira, se devem serviços relevantíssimos como o da publicação dos *Elementos para a História do Município de Lisboa*, de que estão publicados dezassete volumes e a que só falta para a tornar prestante, o complemento da publicação um índice. Um volume que o contenha, tornará esta obra inútil quasi, hoje, num arquivo útil e aproveitadíssimo, tanto como o índice de Barcia torna útil e prestante a *Lisboa antiga* de Castilho. Entre os modernos, Alfredo Mesquita com o brilho invulgar da sua prosa na *Lisboa*, 1903, e Paulo Freire com o material carreado no *Do Rossio à Rotunda*, são também dos que bem merecem o nome de cronistas da cidade.

Ha autores de estudos particulares que não devem ser esquecidos, que embora nos não dêem o conjunto da cidade algo nos dêram sobre departamentos que se podem considerar estudados com a sua intervenção. *V. gratia*: Alfredo Luís Lopes com o *Hospital de Todos os Santos*, os *Pátios de Lisboa* e as *Águas*, trabalhos do engenheiro

Montenegro, o estudo de Xavier da Cunha sobre a *Peste bubónica em Lisboa, nos séculos XVI e XVII* (1899), os estudos geológicos de Neri Delgado, Carlos Ribeiro e Picotas Falcão com o estudo sobre as *Casas da Câmara* (1920), o Estudo dos Registos Paroquiais de Edgar Prestage e Pedro de Azevedo, o *Catálogo da Exposição Ulissiponense*, os estudos gráficos das ruínas do Terremoto e a *Lisboa Velha*, de Gaimeiro, os magníficos trabalhos de Luís de Macedo, *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa* (1930), *A Rua das Pedras Negras* (1931), *O Antigo Terreiro do Trigo* (1932) e a *Critica, correções e aditamentos à obra Lisboa do meu tempo*, de Paulo Freire (1933), e o Atlas e Estudo de Baldaque da Silva, *sobre a barra e porto de Lisboa*, assim como o de Adolfo Loureiro são trabalhos notáveis que eternizam no assunto o nome dos seus autores. Um ha que apesar de confinado no estreito limite da sua especialidade pode conferir sem restrição o titulo de cronista da cidade ao seu autor. É o terceiro volume de *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755*. E aqui está resumida a maioria dos volumes que contam e turiferam esta encantada cidade, amada entre as que o são e que, se possui grandes defeitos, em tudo lhe sobrelevam as suas infinitas virtudes.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

RELAC,AM, EM QVE SE TRATA, E FAZ
hũa breue defcrição dos arredores mais chegados à Cidade de
Lisboa, & feus arrebaldes, das partes notaucis, Igrejas,
Hermidas, & Conuentos que tem, começando logo
da barra, vindo corredo por toda a praya até
Enxobregas, & dahi pella parte de
cima até Saõ Bento o nouo.

Reprodução do exemplar único, pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa
com uma nota explicativa do ilustre ulisipógrafo Sr. A. Vieira da Silva
da Academia das Ciências de Lisboa

Nota Explicativa

Esta obra, que novamente se publica, encontra-se nos *Reservados* (A-2-43) da Biblioteca Nacional, *Miscelâneas*.

O exemplar desta Biblioteca, único que conhecemos, é in-4.º de 16 pags. inum., e foi já reproduzido no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses*, n.ºs 5, 6, 7 e 8, tomo VIII, ano de 1899, mas a sua raridade, assim como a dificuldade de obter estes fascículos do *Boletim*, motivou o fazer-se a sua reedição nos *Anais*.

A obra, sem indicação de autor é um poema, ou melhor uma série de versos encomiásticos à cidade de Lisboa e seus arredores. E em quadras de sete sílabas não rima-

das. As noções descriptivas e críticas são geralmente mui deficientes e algumas das referências do texto são actualmente verdadeiros enigmas. Tem porém o interesse de dar a conhecer certas particularidades de locais, de edificios e da vida citadina no principio do segundo quartel do século xvii.

Diz o Dr. Joaquim de Vasconcelos (*Arqueologia Artistica*, n.º 6, Porto, 1889, pag. VIII), que lhe parece ser esta obra um resumo do *Livro das grandezas de Lisboa*, por Fr. Nicolau de Oliveira, (publicado em 1.ª edição em 1620), e talvez do mesmo autor.

A. VIEIRA DA SILVA.

RELAC,AM, EM QVE SE TRATA, E FAZ
 hũa breue descripção dos arredores mais chegados à Cidade de
 Lisboa, & seus arrebaldes, das partes notaveis, Igrejas,
 Hermidas, & Conuentos que tem, começandologo
 da barra, vindo corredo por to da a praya até
 Enxobregas, & dahi pella parte de
 cima, até São Bento o nouo.
 Com Priuilegio Real, & Taxado, em 8, reis em papel.



A Cidade de Lisboa,
 cujas famosas grandezas,
 excedem quaesquer do mûdo
 no valor, & na opulencia.

Cujos nobres edificios
 abatem aos da soberba
 Babylonia, que de todas
 foy marauilha primeira.

A que no culto diuino
 & nas famosas Igrejas,
 compete com a mesma Roma
 & na policia com Grecia,

Cujas armas assombrao
 com valerosas empresas
 tão varias gentes do mundo,
 em mil batalhas, & guerras.
 Não sômete em nossa Europa
 contra a Mahometana feita
 mas nos campos Asianos,
 & nas Africanas terras.

Aquellas que triumpharaõ
 de Turcos, Moabitas, Perfas
 Coracones, & Mogores,
 Rumes, Arabes, &c.

A Em

Em cujos reynos palerão,
 sendo partes tão diaerfas
 com valor por tantas vezes
 as trianfantes bandeiras.
 Finalmente hãa Cidade,
 que bem pode ser Princefa
 de quantas tem todo mando
 pois vence nas excellencias.
 He cidade populofa,
 may grande fobre maneira
 emperlo de todo quanto
 pellos mares fe nauega.

Situada no Occidente,
 na mais vltimas das terras
 que abrazada deixa o fol,
 quando efte emifpherio deixa.
 Quafi em trinta, & noae graos
 eflã fituada, & fogelita
 a tal clima, que parece
 eftar fempre em primauera.
 De mil boninas, & flores,
 rofas, jafmins, violetas,
 craaos, crauillina, goiaos,
 faz todo o anno capellas.

Polla parte q̄ he mais baixa,
 ham Rio que he mar acerca
 cujo porto he mais loberbo,
 que os de toda a redondeza.
 E pella parte do Norte
 com montes altos, & ferras,
 fe defende, que do frio
 nunca fente refiftencia.
 Quando o Sol cõ maior força
 de feus rayos reauerbera,

os doarados orizontes
 abrindo bocas na terra.
 He mai fresco, & apraziuel,
 myy deleitofa, & amena,
 com virações com que o mar
 toda a Cidade refrefea.
 As quintas que tem por fora
 Villas, lagares, & aldeas
 por fer numero infinito
 he bem que cale, & fufpenda.
 A multidão de vezinhos,
 que dentro nella fe encerro,
 he tão grande, q̄ he impolliuel
 poderlhe dar conta certa.

Porque ver faa grandeza
 cafas, becos, & traueffas,
 praças, ruas, & arrabaldes,
 não ha quem contar fe atreua.
 Ea ferei pouco arrogante
 deixando taõ grãde empreza,
 por me não ver Phactonte,
 onde atreuido me perca.
 Mas andarei pella rama
 por fora donde conheça,
 quanto nõ difficulfofo
 dizer menos he pradencia.

Na barra logo entrando,
 tem may grande fortaleza,
 de São Glão, cujo fitio
 he fõ baltante defenfa.
 De torres, & balaartes
 may forte fobre maneira
 com bombardas, bazalifeos,
 canhões, colobrinas, efpheras.

Tem

Tem valeroso perfidio
 Capitães, & foldadefca,
 dextrisimos bombardeiros
 com perpetua afsistencia.
 Defronte dentro no mar
 lhe fica cabeça fecca
 ham baluarte may forte
 fobre alicerces de areia,
 Rodeado de eftacada
 vigas de groffa madeira,
 por donde o mar fe entalhou
 de emmenidade de pedras.

O Conaento dos Cartaxos
 ordem de tanta afpreza
 que pellos rigor que guarda
 fo diz fer das mais perfeitas,
 Aqui junto desta praya
 dentro no mar defcarrega
 faas aguas criftalinas
 o rio da Barqaerena.
 Logo fanta Catherina
 onde quando a monção cefsa,
 toda nao lança fea ferro,
 ou qaãdo fae, ou qaãdo entra.

He moſteirinho de frades,
 & caſa may recoleta,
 que guarda de S. Francifco
 a riguroza pobreza.
 Mais adante S. Iofeph.
 hã moſteiro que fe obſerua
 por Capuchinhos defcaços
 o meſmo preceito, & regra.
 Não muito longe Belem,
 onde hã torre foberba

com tiros, & baluartes,
 faz moſtra eſpãtoſa, & horrêda
 Metida dentro no mar
 de quadrada bombardeiras
 nam fortiffimo cabelo
 com varias fortes de peças.
 Aqui fe fazem regiftos
 com que a entrada fô frãqaea,
 das naos que vem polla barra,
 ou fe faem dando â vella.

Ha nella tambem foldados,
 que por cima das ameias
 com cuidado, & vigilancia
 dão perpetua fentinella.
 Logo junto della eſtã
 hã obra real immenſa
 hã machina do mundo
 de may notael grandeza.
 O moſteiro de Belem
 de tão fermofa preſença
 que pode fer maraailha
 antepoſta a de Caldea
 He de frades obſervantes,
 cajos preceitos, & regra
 faõ do Santo, que em Belem
 com Paula fez penitência:
 Neſte moſteiro Real
 de notaeis excellencias
 polla rara architectara
 de fea crazeiro, & capellas
 Eſtão fermofos ſepulchros
 de obra mais que Mauſolea
 de alguns Reys de Portugal
 em varios jaſpes, & pedras.

Com tão notaveis columnas
 toda esta obra fuitenta,
 que ha mister ver, & palpar
 pera que tanto se creia.
 Neste lugar tão famoso
 por ser de grão preminencia,
 fazem aos Reys de Portugal
 suas honradas exequias.
 Dentro maitos corredores,
 com dormitorios, & cellas
 muitas obras curiosas,
 de mai galharda apparencia.
 Tem por cima hã frõtepielo,
 fobre o dormitorio, & Igreja
 de pedraria laurada
 por muyta arte, & fofileza.

Hum portico may fermoso
 cuja laçoria, & pedras
 a todo mais edificio
 faz igual correspondencia.
 Mais adêtro grandes claiftras
 mny conformes na grandefa,
 casaf fermofas, jardins,
 pumares, ortas, & cerca.
 Logo junto do mosteiro
 hum pouo, cuja presença
 na grandefa, & fermofara
 grande Villa representa.

Por estes montes acima
 que fãõ de pouca aspereza,
 antes ferteis, & abundantes
 de quanto aqui se femea.
 Ha maito fermofas quintas,
 de casarias foberbas

frefcas aguas, & pumares
 jardins, vinhas, & parreiras.
 Santo Amaro mais auante,
 em diftancia que não chega,
 fazer quatrocentos passos.
 ou no mais quando esta seja.
 Estã pofto, & fituado
 no cimo de hã ladeira,
 que se fobe facilmente,
 por ser diftancia peqaena.

He may fermofa hermida,
 de grão concurso, & frequêcia
 todo anno, & no fea dia
 parece ser coufa immensa.
 Entrãdo tem logo hã pateo,
 de may bastante larguefa
 que paramentão de altares
 no dia de fua fefta.
 Estã tambem por diante,
 de molheres eiftrangeiras,
 hum mosteiro may deuto,
 que se chama das Framengas.
 Não longe defronte deste,
 a quem vem à mão direita
 outro fica do Caluário
 que jantamête he de freyras,

A quinta del Rey famofa
 logo aqui não nos eifqueça,
 de inaçoês dagua, & de flores,
 & figuras tão diaerfas,
 Seguefe a ponte de Alcantra,
 fobre hã frefca Ribeira,
 cujas criifalinas aguas
 por entre montes, & ferras.

Vem

Vê correndo brandamente
como escutando de veras
as cantigas que ali cantão
as rústicas laundeiros.

Logo a antiga freguezia,
de Santos aqui começa
esse bairro da Pampalha,
que Cidade representa,

A Virgem do liramento
em noaa hermidã, & pequena
obra de cento deoato
may cariola, & bem feyta.

Tambem de noaa Senhora
outra mais por cima desta
a qual das necessidades
commummente se nomea.

Logo junto a dos Prazeres,
caja festa se celebra,
o dia logo primeiro,
depois do da Pascoela

E neste mesmo lugar
se vé de quem quer se chega,
hãa casa de faade,
o por melhor de misérias.

Destaoutra parte da raa
ham Mosteiro està de freyras,
com hãa vista sobre o mar
de a prazuel eminencia,

E tem por inuocação
aquella rara excellencia,
que Cristo estando no mudo
por remate de grandefas.

Pera eternizar memorias,
celebrando a vltima cea.

no mais diuino militerio
quize deixar memoria eterna.

Da mesma parte adiante
estão de hãa regra estreita
as Carmelitas descalças
da reforma de Tereza.
Não mai longe da outra parte
de frades da mesma regra
outro deoato Conaento
obseruante em penitencias,

A noaa Igreja de Santos,
onde entrando à mão direita,
ha de faa inuocação,
hãa brincada Capella.

Não may distante por cima
aquellas freyras Ingrelas
que estão pella sancta Fè
desterradas de Inglaterra.

He mosteirinho pequeno
mas não falto de excellencias
porque padecer por Christo
he soberana grandefa.

O mosteiro da Esperança
mais abalxo: cãas freiras
prolessão de Saõ Francisco
a perfeitissima regra.

Oiteiro da boa vista
com parapeitos de pedra
onde tem gente do mar
hãa ordinaria assitencia.

Daqui nama larga praya
fermosa por excellencia
parecem maytos nauios,
que vem de partes diuerfas.

São varias embarcações
de alto bordo, & das rasteiras
vrcas, naos, galès, pataxos,
fetias, & carauellas.

Aqui se lanção a monte,
& de ordinario daõ crena,
fazem de nouo, & desfazem
as embarcações já velhas.

A meyo quasi da praya
o monte correo de terra
que outra vez ja noutros tēpos
correndo fez mayor perda.

Adiante esta Sam Paulo
onde nações estrangeiras
Espanhola, Catalam,
Italiana, & Tudeca.

A Franceza, & Bilcainha,
Ceciliania, & Framenga,
finalmente quantas ha
parecem dar obediencia.

Cruz de Cataquefaras
celeberima frequencia
de Espanhoes que nesta parte,
tem sua Audiencia, & cadea.

Adiante o Corpo Santo,
hã cariosa Igreja,
cajo edificio he castofo
com ser hã obra pequena.

Ianto della logo as casas
de architectura soberba
de Mouras, Corterreays,
de bem Real aparencia,
E a milhares de fragatas
na praya aqui junto dellas

em que por pouco dinheiro
quem quer no mar se recreya.

Logo a Ribeira das Naos
onde a machina stupenda
das que vão pera Oriente,
chamadas Naos da carreira.

Com notaveis artificios
pregarias, & madeiras,
carpinteiros, calafates
faz excessivas despezas.

O lugar da Campainha
onde de varias maneiras
conforme as embarcações
ha mil ancoras diaerfas.

Logo junto ham grãde pateo,
todo lageado de pedras
figura quasi quadrada,
mas não da quadra perfeita.

A grande casa da India
officinas, & despenfas
casas adonde se aloja
tanto fardo de canella.

Tantas drogas Orientais
tantos quintaes de pimenta,
tanta maça, tanto craco,
& tam preciosas pedras.

Redondos fardos de arroz,
bazios barbara moeda
de Etyopes Africanos
de retrocidas gaelilhas

Aquelle branco marfim
dentes tam grandes de feras
que ha dente q̄ por si fõ
quatro, & fino arrobas pesa:

Caças,

Caças, colchas, alcatifas,
 & cortes de varias cedas
 ambar, coral, bejoim,
 noz, encêço, & brâças perolas.
 Os varjos brinecos da China
 escritorios de gauetas
 mil obras tam marchetadas
 de contadores & mefas.
 Finalmente tantas coufas,
 que pera poder dizellas
 me vay faltando a memoria,
 & assi passemos depreffa.
 Os passos del Rey famofos,
 maquina soberba, & immenfa,
 os tectos de cujas casafas
 competem co das estrellas.
 Aquella primeira fala
 rodeada de janellas
 onde sempre os seus turnos
 assiste a guarda Tudeffa.
 Os compridos corredores
 quartos de tanta grandeza
 onde infinita familia
 facilmente se apofenta.
 As grandes salas de cima
 & outras mil casafas soberbas
 em cuja capacidade
 cabem tantas excellencias.
 Aquelle forte Real
 cuja fermofa presença,
 & leua mais o sentido,
 que toda a oitaua esphera.
 As varias mercaderias
 que dentro nas ricas tendas,

de diuerfas inuenções
 ha no pateo da Capella.
 O concerto, & ceremonias,
 com que nesta se celebra
 aquelle culto diuino
 com notaavel frequencia.
 Os tres graues tribunaes
 Conciencia, Paço, & Fazenda,
 por cujos graues ministros
 este Reyno se gouerna,
 Effes vastos almazens,
 onde se recolhe & fecha
 prouimento das armadas
 que cada anno aqui se aprefta.
 Logo o terreiro do Paço
 cuja fermofa largueza
 bem terá de comprimento
 daas mai largas carreiras.
 Na largura em porporção
 tambem parece da mesma,
 que de figura quadrada
 fica fazendo apparencia.
 Esta famofa planicie
 com ser de tanta grandeza
 de tal forte he frequentada,
 que sempre está quasi chea,
 Fica da parte do mar
 toda larga, & descuberta
 com vista muito aprazial
 de mar, nauios, & terras,
 Neste lugar tão famoso
 de ordinario descarrega
 tanto nacio de trigo
 que parece coufa immenfa.

Ficalhe a parte de cima
a Alfandega donde se pesa,
ou marca tudo o que passa
com fea registo, & licença.

Aqui vem mercaderias
de mil nações estrangeiras,
que por ser trato sabido
he bem que não me detenha.

Tanto logo a grande casa,
dos contos, que da fazenda,
real toma toda a conta
onde importa dalla certa.

Tambê junto as sette casas,
onde noutras tantas mesas,
se despacha tudo quanto
da Cidade faye, ou entra.

Logo terreiro do trigo
onde tantas mil lanegas
ou moios delle se gastaõ
pellas mãos de medideiras.

Seguefe logo hãa rua
que tem de hãa parte tendas,
de outra da misericordia
hãa das portas traueffas.

As eicadas desta porta
infinitas camponezas
todo o anno estão vendendo
flores de cheirofas ervaas.

Casa da Misericordia,
cajo galtõ, & cajas rendas;
a tanto milhão de pobres
da mai ordenada despesa.

Onde se diz tanta Misso,
que desde antes q̄ amanheça,

atê meio dia dado;
as ouae quem quer que chega.

A qual ordinariamente
tantos deixão por herdeira
& com rezão, pois a Christo
pera feas pobres se deixa.

Correndo mais adiante,
faimos logo á Ribeira
lugar que basta fea nome,
pera que a fi se engrandeça,

Toda cheia de cabanas,
onde tantas regateiras,
de continuo estão vendendo
tudo quanto o mundo encerra.

Immenhidade de fratas
de muytas caistas diaerfas
por todo anno em grão copia
conforme os prodaz a terra.

A parte de cima estão,
em lugar sem differença,
vendendo fea pão fermofo
muytas molheres padeiras.

Outras logo junto vendem
passas de vuas, & de ameyxas,
queijos, fartens, & letrias,
vidros, barças, pederneiras.

Logo a cazinha adiante
por caja mesa se ordena
que em conta, peso & medida
tanta abundancia se venda.

A diante as ortaligas
coaes, endros, cigurelha
alfaças, coentros, nabos,
rabãos, cinouras: acelcas.

Or-

Ortelãa, chicorias : cardos,
abobaras, beldroegas,
cebolas, bredos, & falça,
& outras eras de panello.

E passando a rua larga,
que dalto abaixo atragessa,
lhe ficão pella outra parte,
as cabanas das frateiras.

Mil milhares de maçãs
aqui vendem colarejas,
a rubicanda chainha,
pero de Rey, camoezas.

Laranjas, limas, limoens,
as mais das limas azedas
que a gente de Portugal,
não planta como em Valença.

No tempo muitos meloões,
immesidade de peras,
das carualhaes infinitas,
que he fruito fô Portuguesas.

Vuas de muy varias castas,
assi brancas como negras
bastardo da banda dalem,
que bastardos, fô a vaa presta.

Fraitas nouas, & marmelos
pecegos de mil differenças
damascos, figos, castanhas,
balancias, & ferejas,

Nozes, janças, auelans
doces, azeitonas Delaas,
as fermosas Seailhanas,
manfanilha & cordoeza.

Finalmente, toda a fruita,
que prodazem quantos terras

o mando tem, & o labor
he nesta por excellencia :

Mais abaixo contra a praya
cabanas de mantigueiras,
onde sempre estão vendendo
infinita da framenga.

Abundancia de mariscos
logo junto se apresenta
lagostas, & carangejos
camarões, ostras, amejoas.

Adiante sem cabanas,
infinitas pescadeiras,
que por mais agua que choan,
sempre, são caras na venda.

Ha aqui tão fresco pescado
que ainda saltando chega,
de muy diferentes castas,
que no rio, & mar se pesca.

A muy lombada azeala,
vnica fô desta terra,
lingoado çapateiro,
chachucho, raya, lampreia,

Sauel, tainha, vizago,
xarroco, ciba, faelha,
corapao, caçalla, pargo,
folho, roballo, faneca.

Safios, pescados, chernes,
congrós, rulaos, & moreas,
& infinitos que aqui calo,
por ir passando depreffa.

Mas he bem que se celebre
quem mais que todos sustenta
& por ser mais abundante,
he fartura da pobresa.

A la-

A fabrosa fardinha
que a diaina prociencia
na abundancia, & calidade
no labor & em fer piquena.
Bem parece quis moltrar
acudir com diligencia
a falta de tantos pobres
do que o rico se aproceita.
Aqui se gasta infinita
da falgada, & sem cabeça
sem fal, & a que cõmanmente,
chamão carregação fresca.
De fecos o bacalhao,
& tambem peçada seca,
raya, & fauel efcaldado,
atum de lombo, & ventrecha.
Tem tal arte no vender
as falgadas peçadeiras,
que o que vem a dar por dez,
pedem por elle nouenta.
E se a caso lhe acontece
hauer quem pouco prometa,
ou respondem com anexins,
ou com palauras foberbas.
Esta regra he muy seguida,
por todas as regateiras,
que pouco estimão vender
com fea trato a consciencia.
Logo junto muitas caças
& varias aues de penna
que trazem mil regatoës
la de fora das aldeyas.
Coelhos, lebres, cabritos,
galhinhas, patos, marrecas,

perãs, adês, & leuancos,
tordos, perdizes, vitellas.
Muitos alhos mais auante,
cebolas postas em reftas
que aqui sempre estão vedêdo
as rusticas lauradeiras.
Finalmente aqui se vê
a nossa fresca ribeira
que quanto mais abundante,
então parece mais fresca.
Saindo logo daqui
à praya acima direita
pellos muy fermosos Caes
rodeados de moletas.
Logo a muy pouca distancia
grandemente nos recrera
esse chafariz del Rey
com tantas bocas abertas.
Onde tantos aguadeiros
tantos negros, tantas negras,
galegos, cabras, ratinhos
a quarta de agoa sustenta.
A casa de Iorge feco,
& não he piquena grandeza,
que pera acções naturais
aja publicas secretas.
Ham chafariz muy famoso
de agoas muy claras, & bellas,
adiante está, que sem falta
leua excessõ às da Beyra.
He tão fermosa, & tão para,
e de tanta preminencia
que por mais q̃ anda no mar
corrupção nunca entra nella.

A pra-

A praya logo da Alfama
 fe mostra mais descaberta,
 & o lugar donde ancorão
 suas lindas Carauellas.
 As muitas q̄ aqui se ajantão
 em qualquer dia de festa
 com as anchoras ao mar,
 & as proas postas em terra.
 Fazem visita tão aprazível,
 & tão galharda presença
 que Julgareis que Neptano
 coroado vos festeja.
 Aqui está a torre da polaora
 que tem por titulo, & empreza
 este lugar he terrível
 por hãas latinas letras.
 Ianto do mar mais auante,
 da coroa de Castella
 almazês, & fundição
 de toda a forte de peças.
 O cais do carvão por cima,
 casa may tinado, & sea,
 que bem parece na cor
 ter de Vulcano a materia.
 E metendose no meyo
 hãa entalhada caldeira
 lhe fica logo por cima
 por larga circunferencia.
 Hã cais mai largo, & fermofo
 chamado cais da madeira
 obra forte may castosa
 mai grandiosa, & bem feita.
 Fora da porta da Craz,
 a tiro quasi de pedra,

da Virgem do Paraifo
 hãa may deuota Igreja,
 Por cima a de S. Engracia
 o traues á mão esquerda,
 onde quantos Santos ha
 faõ de nação Portugaesa.
 O campo de sancta Clara
 hãa coita pouco enesta
 may aprazível, & alegre
 a quem quer que alli passeia.
 Pera o cimo deste campo
 lhe fica Villogalega
 ham lugar que pera Villa
 tinha bastante grandeza.
 O fermofo pera peito
 em que se eltriba, & sustenta
 esta grande obra do campo
 q̄ he de paro entalho, & terra.
 Traça de certo ministro,
 cuja fama bem pudera
 eternizando mil obras
 tocar sonora trombeta.
 Não só pellas que publicação
 suas grandes excellencias,
 de que esta grande Cidade
 vemos estar toda cheya.
 Se não pellas grãdes partes,
 que tiverão concorrência,
 entre encontros de fortuna,
 & quilates de nobreza.
 Mas como em fim tudo acaba,
 anda a fortuna alterna,
 acha sô memorias tristes,
 com sentimentos de ausências.

Ficou

Ficou fõmente a lembrança,
onde sentimento, & pena,
em vivo retrato dalma,
mil grandefas representa.

Mosteiro de fanta Clara,
logo junto, cajas freiras
do Seraphico Francisco,
guardão preceitos & regra.

Logo a bica do çapato
fe fegae nama orta fresca,
cajas chrisitalinas aguas,
competem co a pimenteira.

He lugar muy deleitofo
que mayta gente frequenta
onde em lagar aprazivel
a visita do mar passae.

Santa Apollonia adiante
hãa hermedinha pequena,
onde vão por deuação
mil matronas, & donzellas,

Mais adiante o mosteiro,
de Sanctos que da comenda
& da regra que professa
fe diz das commendadeiras.

Este Cõvento he mai graue
doado de maytas rendas,
onde fenhoras illustres
tem recolhida assiftencia.

Outro logo junto noao,
de hãa fabrica soberba,
em lagar mais eminente
faz muy fermosa apparencia

Santos o noao fe chama,
para madança fe ordena,

deste Conaento famoso
fundado fobre nobrefa.

Andando mais adiante
em passando a Cruz de pedra
outro estã que em fantidade,
paraifo representa.

Este he da Madre de Deos,
de tal concvrfo, & frequencia
de gente que mai bem mostra
ter fantidade saprema.

De grande recolhimento,
& tal, que may bem padera
ser de fanto enaejado,
fe nos fantos cabe enveja.

Aqui faz maytos milagres,
a Virgem de graças chea,
que ficou Virgem may para,
fendo Mãy may verdadeira.

Junto estaõ paços famosos,
caja traça representa,
em retrato de principios
vistigios de mil grandefas.

Mas como a Parca inimiga
dando hãs fios, outros faspeda
deixando fõ por memoria,
mostras, fõbras, & apparencias.

Entrando neste lagar
por remate nas grandefas,
& em lagar de perfeição
deixou esta obra imperfeita.

Só ficou conhecimento,
na mostra das excellencias,
que este lagar ja foi forte,
& acabar he grão certaia.

Adi-

Adiante o may famofo
 são Francisco de Enxobregas,
 mofteiro de deação,
 & de muy grande apparencia.
 No valle logo fequinte,
 que o mesmo monte referva
 outro eftá de Padres Loyos
 que são Bento fe nomea.

Pello vale mais acima
 fobre o alto contra a ferra
 nam muito frefco lagar
 o mofteiro eftá de Chelas.
 Logo mil lagares frefcos,
 oliaais, quintas, & terras,
 pumares muy deleitofos,
 cafas, jardins, & ortas frefcas.

E por toda a larga chapa
 que do valle de Enxobregas,
 pello campo de Alualade
 voltando os Anjos fe cerca.
 Cafas mil entremetidas
 muy famofas, & foberbas,
 alegres recreações
 entre bofques, & arvoreda.
 Cuja grave oftentação
 aquem vem de Aldea galega
 parece mais apraziuvel,
 por ficar mais defcuberta.
 Toda fe mostra ondeada
 por muitos valles, & ferras
 tamalos que fe levantão
 com muito pouca afpereza.

Tado são fertilidades,
 tado são abundâncias de terra,

que entre todas as do mundo
 pode em tado fer primeira,
 Por aqui muitos lagares
 muitas hermidas, & Igrejas,
 são tantos os oliaaes,
 que parece coafa immentia.
 Logo as ortas de Alualade,
 cuja ortaliza fe rega
 com tanta abundância de agua
 que noras lanção nas prezas.
 Donde á mais q̄ na Cidade
 fe gasta que he coafa immêfa,
 trazem rafticas faloyas
 a poder das regateiras.
 He tão fertil, & abundante
 toda eíta fermofa Veiga
 apraziuvel, & jocanda
 alegre, frefca, & amena.
 Que não fómête a antepinho
 às de Granada, & Placencia,
 as frefcas terras de Marcia
 de çaragoça, & Valença.

Mas direi com fandumêto,
 fem falta deve fer eíta
 a que chamarão Gentios
 Elifios campos na terra.
 Que covfa mais apraziuvel,
 mais grandiofa, & foberba,
 que ver deffe campo grande,
 a larga circumferencia.

Certamente, que do nome
 dar femelhança pudera,
 por fer tão plaino, & tão lizo.
 todo campo, & toda veiga.

Dizendo

Dizendo bem com rezão
 que na Ilha Portugueza
 podemos chamar Vilizios
 por ter mais bella prefeça.
 De mais, q̄ tendo de Olfites
 edificada esta terra
 depois que a tantos trabalhos,
 dando fim de cansaça nella.
 Julgando a gentildade
 seguir se logo a miserias
 como premio merecido
 hã gloria sempiterna.
 Vendo que aqui de cansaça
 por ser delectosa, & fresca
 julgarão ser paraíso
 pelas raras excellencias.

Donde vejo que de Olfites,
 por diriaçaõ may certa
 forão chamados Elifios
 em que ha pouca diferença.
 Sendo cousa averiguada,
 & opinião may verdadeira,
 ser estes campos de Espanha
 nas ultiores terras.

Depois os nossos latinos,
 com noticia mais inteira
 destes aprazíveis campos,
 & destas ortas amenas.
 Declarão neste nome
 esta escondida certeza,
 pondolhe este de Almalatens,
 que corrupto alada referon

Pois neste lugar fermoso
 toda alma livre de pena.

como em paraíso, & gloria
 julgarão ter vida eterna.
 E porque as humanas formas,
 nossa vista não penetra
 por grande disporporçaõ
 que ha nas duas naturezas.
 Vendo que não parecia
 aquillo que entre elles era
 por plazzo universal
 averiguada sentença.

Almalantes lhe chamarão
 que na Ilha Portugueza
 he dizer alma escondida
 que Alvalade corrompera.
 Outros dizem que Albalatens
 tendo que mais se assemelha
 este nome de Alvalade
 por outra diferença.
 O que mal pouco importara
 dizer com menos certeza
 pois quando a fermosa aurora
 aqui estivesse encuberta.

Então poderão dizer
 que como aqui não se veja
 quando a luz falta no mundo
 por opposiçaõ da Terra.
 Hã alas aqui mais fermosa
 caidara ter silencio,
 & chamandolhe Albatens
 mostrarão ser doutra esphera.
 Logo o chafariz de Arroyos,
 Santa Barbara, que podera
 por espanto de más obras
 no seu campo dar emmenda.

A fre-

A freguezia dos Anjos
 & no mais alto da ferro,
 parece penha de França
 com mai galharda apparencia.
 Esta soberana Virgem
 neste lugar se frequenta
 de gente quasi infinita
 com visitas, & novenas.
 Nossa Senhora do Monte
 tambem de graue presenca
 nam monte donde descobre
 da Cidade mil grandezas.
 Doutra parte a do Desterro
 em cujo loador quisera
 para contar feus milagres
 hãa angelica eloquencia.

Que nam devoto Mosteiro,
 que aos preceitos se fogaitea
 de fea deuoto Bernardo
 mil maravilhas opera
 Aqui temos esta Virgem
 tão soberana, & tão bella
 que tanto alcança pedindo
 quando Deos dá de potencia.
 Logo junto fante Antão,
 lugar de escolas, & letras
 Collegio da Companhia
 com perpetua assistencia.
 Aqui muitos Estudantes
 como em frequente academia
 ocupão tempo, & cuidado
 nas grandezas de minerva.

Este campo de fante Anna,
 donde tantas mil cabeças

de gado de feus carraes
 esta terra se faltenta.
 Logo apparece do Occidente
 a quem fae a mão direita,
 hãa Igreja desta Santa,
 com fea Conaento de freiras.
 S. Antonio dos Capuchos
 de hãa observancia saprema
 tanto exemplares na vida,
 quanto obfervantes na regra.

O chafariz de Andaluz
 hãa grão circumferencia
 de casaf, quintas, jardins
 fam Sebastião da Pedreira.
 Mosteiro de Santa Marta
 Palhavãa donde pudera
 fazer larga relação
 tendo amplifsima materia.
 Nossa Senhora da Luz,
 que ferã quasi hãa legoa
 por aqui tem fea caminho,
 & as faloyas de Tilheiras.

São Domingos de Benfica,
 que a mesma distancia chega,
 da forte que pellos Anjos
 o Mosteiro de Olivellas.
 Aqui fica fam Ioseph,
 no valle mil ortas frescas
 que nos jardins, & frescuras
 nenhãa iguala esta terra.
 Mais abaixo a Annuciada
 Igreja das mais bem feitas,
 mais perfectas, & acabadas,
 que tem toda a redondeza.

Onde

Onde hã fermoso Conuento
de muitas freiras professas,
guardão do grãde Domingos,
a muita obervancia, & regra,
Nossa Senhora da Gloria
onde mancebos de Hibernia
estudação com graõ cuidado,
dicinas, & humanas letras.

Mais avante hã hermidã,
que tendo humilde apparencia
tem tão grande inuocação,
que he da Virgem da Pareza.
Sabindo daqui pera o alto,
por hã coista, ou ladeira
no verão pouco aprazível,
quãdo as fôbras são pequenas.
Fica no cimo são Roque,
hum templo de tal presença,
que facede em maravilha
às que hoje faltão na terra.

Mais avante a Cotovia,
Collegio de obra moderna,
de Padres cujo instituto
he puro exemplo, & modestia.
São João dos bem cazados,
esta hermidã se frequenta
de poucos, porq̃ he de poucos
deuendo fer todos della.

Chamefe aqui Campolide,
hã faida muy bella
pollos largos orizontes
que descobre a redondeza.
Abaixo logo os Cardais
onde estão de ordem terceira,

hãs frades que aqui professão,
a Franciscana pobreza.
Defronte são Bento novo,
hã maravilha immensa
de soberbos edificios
que a todos faz mil enuejas.
He hã obra posta em quadro
de muy notavel grandeza,
& de quanta relatei
pode fer angular pedra,
Ea a tomei por remate,
desta obra que nas soberbas
a pedra com que se fechão
sempre tem grãde excellencia

E nesta fabrica minha
que tão notaveis encerra
se lhe falta o architecto
sobrepualhe a materia.
Bem vejo q̃ com razão
todo o mũdo me condena
de querer com tantas faltas
relatar tanta eminencia.
Mas como a mi me desculpão
exemplos que dar padera
ey tomado atreimento
para relatar grandezas.
Que na boa prespectiva
bastante noticia dera
da grandeza de hum gigante
pintar parte mais piquena.
Estes são os arredores
com que Lisboa se cerca
querer contar o de dentro
fera temeraria empresa.

Documentos da Biblioteca Nacional relativos a Lisboa

(Conclusão)

DOCUMENTO LX

(Ano de 1345)

Carta de emprazamento — por Rodrigo Anes e Sebastião Domingues, mordomos da Confraria Grande dos Clérigos, e Domingos Esteves, Capelão mór da mesma Confraria — de umas casas, sótão e sobrado, na Alcáçova, a par da Chancelaria de El-rei, a Martim Esteves e a sua mulher, Dona Leonarda, moradores na Alcáçova, em Lisboa, e a uma terceira pessoa por eles nomeada à hora de sua morte, sob determinadas condições. Tabelaio: Afonso Peres.

En nome de deos Amē Sabhām quantos esta carta viren ē como eu Rodrigo anes. Eeu/Saaschaão domingues moordomos da confraria grande dos clregos da Çidade de lixbõa Eeu Domjgos/esteuaeçz Capelã moor

dadita cõfraria. damos e enprazamos Aos Martim esteuaeçz e Aoossa molher/Dona Leonarda moradores en Lixbõa na Alcáçova peraos Ambos ē toda aossa vida Epera hãa/pessõa qual aos quiserdes nomear Aoossa morte huãs casas sotãm e sobrado que Adita cõfraria ha na/Alcáçova apardas casas da chãcelaria delRej assy como partem cõ casas dalfomso martjz darreposte./e cõ Casas de ffernam perez e per rruãs publicas Enprazamos Aos as ditas casas pertal/preito e sotal condiçom queuos as ffaçades e Reffaçades e mâte-nhades e ffaçades en elas benfeitoria/deguissa que ssenpre seiam melhoradas e nã peloradas Ededes ē cadahãa Año adita Confraria/em paz e ē salaõ quareenta e çinque soldos per dia de Natal Ecomeçar-des apagar per este Natal/primeyro que aē Edy ē deante e assy ē cadahãa Año pelo dito dia Edegedes mâteer as ditas/casas como ditoe e de paredes todo Auosa cãsta aynda que caesem E Aoossa morte de todos tres/as ditas Casas as ditas Casas (sic) deaē fificar adita confraria lires e aisen-tas e sen contēda/nē hãa cõ toda sa benfeitoria Enos obrigamos todolos bees dadita confraria moays e Rayz/guaanhados e por gaaãhar Aos deffender e Aenparar as ditas casas no dito tēpo deaquem quer/quaeo-las demãde ou enbargue assy com husso e custame da terra Eeu ssobre dito Martim esteuaeçz/por mj e pola dita minha molher

e pola dita pessõa que despos nos véer loquo e outorgo as ditas/coasas e cadahãa delas Eobrigoñ per todos méas bẽes moaỹs e Rayz guaãnhados e por/guaãnhar aconprilas e amãteelas como ditoe. Equal quer denos partes que esto nõ mãteuer, nõ/ aguardar peyte Aoutra parte queo mãteuer e aguarde Trynta libras de Portugal de pena. Etodaaja/conprisse como ditoe feitas foram desto duas cartas em Lixbõa no Paãço dos tabeliões vỹte/e oyto días de Mayo Era de Mill e trezentos e oyteenta e tres Anos Testemanhas. Johan añes Martim/esteueẽz tablliões Johã martjz Raçoeyro de santo Steuã e Gonçalo esteueẽz cliregos cõfrades dadita/Confraria, e ffernam gonçaluez. Eea Affonso perez Tabel-

Hom da Cidade de Lixbõa que per,mãdado/ e per outorgamẽto das ditas partes duas cartas dãa teor partidas per Abc escreay e ẽ cadahãa delas/mea sinal ffiz que tale est



esta tenha a confraria.

In: «Títulos e escrituras dos prazos foreiros a Irmandade dos Clerigos Ricos da Charidade». Vol. VI, fl. 76.

Res. da B. N. L.

Inspeção das Bibliotecas Arquivo e Museus Municipais de Lisboa

ESTATÍSTICA

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Movimento de espécies de 1930 a 1933

| | |
|--|--------|
| Volúmenes existentes em 30 de Junho de 1930 | 24,593 |
| Entrados de Julho a Dezembro de 1930 | 850 |
| Entrados em 1931 | 35,832 |
| Entrados em 1932 | 2,376 |
| Entrados em 1933 | 3,644 |
| | 42,752 |
| Volúmenes existentes em 31 de Dezembro de 1933 | 67,345 |

Movimento dos leitores durante o ano de 1933

| Meses | BIBLIOTECAS | | | | | |
|------------------------------|-------------------------------|----------|--|----------|-----------|----------|
| | Central (Paçácio Galveias) | | 2.º Bairro (Largo da Escola Municipal) | | Alcântara | |
| | Leitura | | Leitura | | Leitura | |
| | Diurna | Nocturna | Diurna | Nocturna | Diurna | Nocturna |
| Janeiro | 43 | — | 455 | — | — | — |
| Fevereiro | 57 | — | 319 | — | — | — |
| Março | 78 | — | 450 | — | — | — |
| Abril | 94 | — | 327 | — | — | — |
| Maió | 85 | — | 402 | — | — | — |
| Junho | 194 | — | 323 | — | — | — |
| Julho (a) | 105 | — | 538 | — | 7 | 17 |
| Agosto | 189 | 261 | 265 | — | 223 | 348 |
| Setembro (b) | — | — | — | — | 198 | — |
| Outubro | 152 | 261 | 525 | — | 363 | 547 |
| Novembro | 120 | 206 | 702 | — | 541 | 563 |
| Dezembro | 210 | 158 | 540 | — | 408 | 245 |
| Totals por leituras | 1,327 | 886 | 4,846 | — | 1,740 | 1,720 |
| Totals por Bibliotecas | 2,213 | | 4,846 | | 3,460 | |
| Total geral | 10,519 | | | | | |

a) — A Biblioteca Municipal de Alcântara foi solenemente inaugurada em 28 de Julho e aberta ao público no dia 31 do mesmo mês, com leitura diurna e nocturna. Também neste dia foi aberta ao público a leitura nocturna da Biblioteca Central.

b) — Mês de encerramento para beneficiação e recatamento das espécies. Apenas a Biblioteca de Alcântara se conservou aberta à leitura diurna, por ter sido inaugurada havia apenas um mês.

SUMÁRIO

TEXTO:

DIRECTRIZES — OS CRONISTAS DE LISBOA, Albino Forjaz de Sampaio — RELAC,AM, EM QUE SE TRATA, E FAZ HÛA BREUE DEFCRIÇÃO DOS ARREDORES MAIS CHEGADOS À CIDADE DE LISBOA, & FEUS ARREBALDES, DAS PARTES NOTAVEIS, IGREJAS, HERMIDAS, & CONUENTOS QUE TEM, COMEÇANDO LOGO DA BARRA, VINDO CORREDO POR TODA A PRAIA ATÈ ENXOBREGAS, & DAHI PELLA PARTE DE CIMA ATÈ SAÕ BENTO O NOVO — DOCUMENTOS DA BIBLIOTECA NACIONAL, RELATIVOS A LISBOA (CONCLUSÃO) — ESTATÍSTICA DAS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA.

Capa (Anverso): — TRECHO DE PAINEL DE AZULEJO REPRODUZINDO A ILUMINURA DO REGIMENTO DE D. MANUEL AOS VEREADORES E OFICIAIS DA CÂMARA DE LISBOA (1502) — *Fábrica Constância* — *Cartão do prof. Leopoldo Battistini* — *Ornatos de Viriato Silva* — *Fotografia do Ex.^{mo} Sr. Comandante António José Martins.*

Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

- Ano I — (N.^{os} 1 e 2 — 182 pags.)
De Junho a Dezembro de 1931 — **Esc. 10\$00**
- Ano II — (N.^{os} 3 e 4 — 97 pags.)
De Janeiro a Junho de 1932 — **Esc. 10\$00**
- Ano I — (N.^o 5 — 25 pags.)
De Julho a Setembro de 1932 — **Esc. 5\$00**
- Ano II — (N.^o 6 — 48 pags.)
De Outubro a Dezembro de 1932 — **Esc. 5\$00**
- Ano III — (N.^{os} 7 a 10 — 76 pags.)
De Janeiro a Dezembro de 1933 — **Esc. 20\$00**
- Ano IV — (N.^o 11 — 36 pags.)
De Janeiro a Março de 1934 — **Esc. 7\$00**

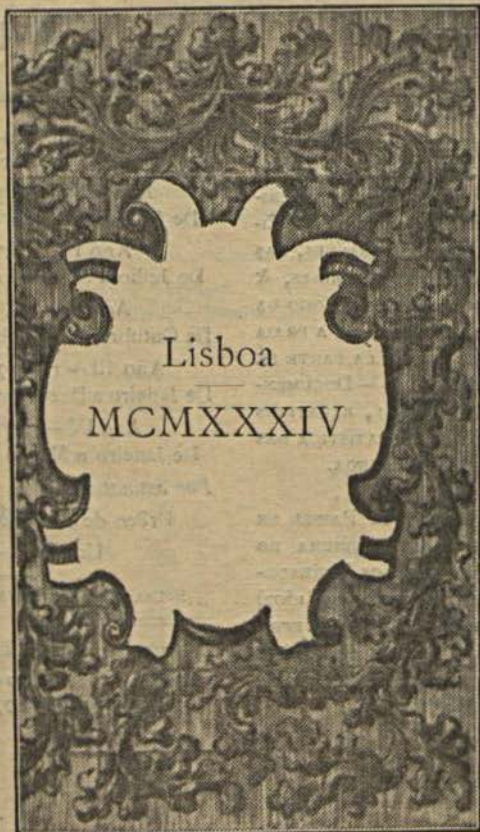
Por assinatura:

Prêço de cada número — **Esc. 7\$00**

Um ano — **Esc. 25\$00**

SOUSA MARTINS — *In Memoriam* — **Esc. 40\$00**

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS:
Livraria Rodrigues & C.^a
RUA DO OURO, 188 — LISBOA



Lisboa
MCMXXXIV